INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

EDINARDO PAZ DE SOUSA

A APOSTA EM BLAISE PASCAL

TERESINA - PI
2013

EDINARDO PAZ DE SOUSA

A APOSTA EM BLAISE PASCAL

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em filosofia, sob a orientação do Prof° :José Anchieta Arrais.

- Filosofia
- Razão e Fé
- Pascal, Blaise de, 1623-1662 - Filosofia.

cod. 1534
100
S725a

101-77 / 11/02/14

TERESINA – PI

2013

EDINARDO PAZ DE SOUSA

A APOSTA EM BLAISE PASCAL

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em filosofia, sob a orientação do Prof°: José Anchieta Arrais.

Aprovado com conceito_____

Teresina, _____de_____ de 2013.

_____

Orientador

_____

1° leitor

_____

2° leitor

Dedico esta monografia ao meu bispo dom Juarez, aos meus amigos, ao padre Carlos Augusto, padre José Raimundo e principalmente a minha saudosa avó Raimunda Bueno da Paz.

Agradeço primeiramente a Deus, a minha família, na pessoa dos meus pais (Carmelita e Hamenon) a diocese de Oeiras na pessoa do Sr. Bispo dom Juarez Sousa. Em especial ao meu orientador padre José Anchieta e todos que acreditaram em mim.

RESUMO

Este trabalho constata a utilização do método colocado por Blaise Pascal a respeito da aposta, que tem como sugestão a verificação da existência de Deus na eternidade, dentro das bases da fé cristã que acabara influenciando seu pensamento, guiado por um ideal que, por sua vez, nos levava a um mundo de intensa procura de Deus como ponto de partida. Este desempenharia o papel de procura e espera na esfera da razão e na esfera da fé, como caminhos de fácil acesso, para se buscar o conhecimento certo que cada homem procura dentro de si mesmo. Foi na esperança da eterna recompensa que o apostador no jogo da fé buscou no íntimo da sua existência o conhecimento último do absoluto.

Palavras- chave: Aposta. Jogo. Razão e fé. Existência de Deus.

ABSTRACT

This work finds the use of the method set by Blaise Pascal about the *bet*, which is suggested to confirm the existence of God in eternity, in the foundations of the Christian faith that had influenced his thinking, guided by an ideal which in turn, led us to a world of intense search for God as a starting point. This take on the role of demand and expect the sphere of reason and in the realm of faith as paths for easy access, to get the right knowledge that every man seeks within himself. It was the hope of eternal reward that the player in the game of faith sought the intimate knowledge of its existence the absolute last.

Keywords: Bet. Game. Reason and faith. Existence of God.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....8

2 EMBATE ENTRE FÉ E RAZÃO.....11
2.1 Vida e obra.....11
2.2 Relação entre, fé e razão; Pascal e Descartes.....13

3 O QUE É A APOSTA?.....20
3.1 A aposta na visão de Pascal.....20
3.2 A justificativa da aposta em Pascal.....24

4 PASCAL NA CONTEMPORANEIDADE.....29
4.1 Influência do autor hoje e a validade da aposta.....29
4.2 Como é vista a aposta no período hodierno.....32

5 CONCLUSÃO.....38

REFERÊNCIAS.....40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma temática importante para o nosso contexto atual, pois, busca elucidar pontos sobre a aposta de Blaise Pascal na obra *Os pensamentos*. Deste modo, iremos pesquisar a origem da aposta em Pascal para compreender como foi grande a influência histórica até os nossos dias atuais.

Faremos este trabalho, abordando a seguinte propostas: embate entre razão e fé, onde, perceberemos que por vezes tal relação pode ser conflituosa ou pacífica diante dos crentes e não crentes, levantando assim uma tentativa de explicação, levando em conta o critério da razão pela qual devemos obedecer, e é na aposta de Pascal que buscaremos, no trabalho exposto, alguns aspectos de seu pensamento. Tendo em vista que Pascal, era cientista, conduzirá o homem a uma antropologia concreta e integral, como alternativa à antropologia racionalista no interior do pensamento francês do século XVII.

Deste modo, a obra *Os Pensamentos* de Blaise Pascal denota profundidade em todos os fundamentos do poder da razão humana e na consciência intensa de que tudo o que o homem faz é no objetivo de vir, a saber, sobre si mesmo e sobre Deus. Veremos aqui que é no pensar que o homem se diferencia dos outros seres. O homem nada mais é do que a fragilidade da natureza e ao mesmo tempo o seu pensamento o faz grande.

A aposta de Pascal é um dos temas mais importantes da sua filosofia, ou melhor dizendo, de seu pensamento, já que partindo deste pressuposto podemos dizer que pela filosofia renovamos a consciência e o pensamento destacado com tanto zelo pelo autor para mostrar a existência de uma divindade. Na atualidade o que esta em crise não é nem tanto a aceitação da existência de Deus, mais é esse indiferentismo à pessoa Deus; mesmo quando se experimenta na pele tal aceitação, sobretudo quando o desejo de um aprofundamento deste conhecer a Deus vem na a aposta.

A finalidade deste trabalho é um desejo, ou melhor, dizendo, um anseio de conhecer de maneira lúcida a problemática da aposta; tendo como base o pensamento de Blaise Pascal, que, de maneira brilhante, informa-nos sobre a aposta. Ele entende a aposta como o arriscar tudo e partir em busca daquilo que vale a pena na certeza de ganhar ou perder uma coisa certa, infinita, pela qual nada deste. Isso porque a aposta é uma reflexão sobre a problemática da existência de

Deus na mente das pessoas. E, partindo desta concepção, abordaremos uma contextualização acerca da aposta de Blaise Pascal, tendo como base o seu pensamento.

No mundo em que vivemos, ainda existem muitos que pensam que a aposta era apenas uma forma de criticar o sistema de seu tempo. Quando, na verdade, queria mostrar que o ser humano vive em constante aflição de apostar em algo que venha a ser, ou fazer, parte de sua vida. Na pesquisa que realizaremos, mostraremos a origem, a extensão, o valor da aposta e as reações contrárias traçando uma explicação da aposta de Blaise Pascal. Fica, visto que poucas pessoas adentraram neste mundo da aposta, ficando assim apenas fragmentos do autor.

Não podemos deixar de citar que Pascal não era contra os racionalistas de seu tempo, não cabendo ao homem julgar-se de imediato, ou, dar aqui um salto que vai além de sua compreensão do conhecer a Deus. A aposta da fé não somente entra de cheio na filosofia, mas também se faz presente no campo da fé que não exclui a razão de encontrá-la. Ele aqui não vai trabalhar a incerteza da humanidade nem de seu conhecimento, mas da incerteza da vida que a aposta aponta dentro de uma inquietude humana e suas necessidades de conhecer a Deus, como causa de tão grande exultação. Ele confirma uma eternidade de vida na qual o homem deve apostar, sabendo que existe igual possibilidade de perda ou ganho. O Jogo agora começa a ficar ainda mais inevitável. Deus existe.

Mesmo sabendo que existe o infinito, mesmo assim, se nega sua existência no mundo da racionalidade onde a razão se esquece de sua natureza. A argumentação de Pascal era de que nada se perderia apostando todas as fichas na existência de Deus numa luta travada entre o finito e o infinito. Esse deismo já não existe, mas, agora o homem fica de joelho diante do Deus infinito e contempla um ser do qual submete todo o seu próprio ser.

Na constante sensibilidade pelas coisas, o homem vive das mais pequenas e não enxerga as maiores, parecendo que este encantamento ofusca o brilho de uma experiência extraordinária determinada pelo poder diante dos homens que não deseja dar esses passos rumo ao desconhecido e, ao mesmo tempo, exorta-os a procurar a luz da qual tem medo de se aproximar tanto no ontem como nos dias de hoje.

Embarcar nesta viagem filosófica sobre a aposta de Pascal é por meio de uma apreciação e da pesquisa a compreensão de suas definições, principalmente na atualidade. As contribuições oferecidas e o que pode orientar hoje é essa proposta de apostar em algo desconhecido; é fazer com que estas preliminares, se tornem o eixo principal do nosso trabalho que é explorar a aposta de Pascal e, por último, reconstruir conceitos, que giram em torno deste tema hoje, ou seja, mais precisamente o seu sentido na atualidade.

2 EMBATE ENTRE FÉ E RAZÃO

2.1 Vida e obra

Blaise Pascal, contemporâneo e conterrâneo de Descartes, nasceu em Clermont, em 19 de junho de 1623. Na biografia de Pascal, escrita por sua irmã Gilberte Périer, a educação do jovem foi obra de seu pai: "meu irmão nunca foi ao colégio e nunca teve outros mestres além de meu pai" (REALE, 2007, p. 596). Os pensamentos de Blaise Pascal foram muito importantes para o desenvolvimento de sua época e das posteriores a ele. Pascal era filho de Étiene Pascal, presidente da coorte de apelação, e de Antoinette Bégon. Ainda segundo sua irmã, Pascal revelou desde cedo um espírito extraordinário, não só pelas respostas que dava a certas questões, mas, sobretudo, pelas questões que ele próprio a respeito da natureza das coisas respondia com precisão. Perdendo sua mãe aos três anos de idade e sendo o único filho do sexo masculino, o pai apegou-se muito a ele e encarregou-se de suas instruções, nunca o enviando a colégios. Mesmo quando, em 1631, a família se mudou para Paris, a educação de Blaise Pascal permaneceu ao encargo do seu pai.

Aos dezesseis anos, Pascal escreveu um *tratado sobre os cônicos*, "obra de grande fôlego, tanto que se dizia que, depois de Arquimedes, não se vira nada de tão poderoso", sempre segundo Gilberte. Pascal não publicou a obra, que acabou se perdendo. Dela nos resta um fragmento, de cópia feita por Leibniz. (REALE, 2007, p. 597). Completando dezoito anos, Pascal inventou "aquela máquina aritmética com a qual se faz todas as espécies de operações, não apenas sem esforço e sem intervalos, mas também sem saber qualquer regra de aritmética e com infalível segurança". (REALE, 2007, p. 597).

Não podemos deixar de citar aqui os momentos que marcaram a vida deste homem que encontrou no mundo racional uma realidade que até então era negada. Sua primeira conversão se deu com a entrada de sua irmã Jacqueline no mosteiro de Port-Royal um convento cisterciense das Filhas do Santíssimo Sacramento situado em Magny-les-Hameaux, no Vale de Chevreuse, sudoeste de Paris, onde tomou o véu como freira. Esta irmã amada por Pascal acabou por convencê-lo a deixar o mundo e todas as conversações mundanas. Esse ilustre e brilhante pensador moderno aos trinta anos decide abandonar o mundo e então escreve o

famoso "Memorial de Pascal". Não podemos citar este memorial sem antes apontarmos alguns aspectos de sua primeira conversão.

O fato é narrado por sua irmã. O milagre aconteceu com sua sobrinha e afilhada que sofria de uma fístula lagrimal, via que comunica com uma glândula ou uma cavidade natural, e que dá saída a secreções que não tinham cura. E enfim Deus permitiu que ela fosse curada tocando o Santo Espinho que existia em Port-Royal, e esse milagre foi atestado por vários cirurgiões, reconhecido pelo juízo solene da Igreja reconhecimento por parte da mesma como o fato era extraordinariamente um milagre. Essa cura tocou profundamente Pascal: ele ficou emocionado com o milagre, porque nele Deus era glorificado e porque ocorria num tempo em que a fé da maioria era medíocre. Portanto, a alegria que experimentou foi tão grande que se sentiu completamente penetrado por ela, e, como seu espírito ocupava-se de tudo com muita reflexão, esse milagre foi à ocasião para que nele se produzisse muitos pensamentos importantes sobre muitos temas decorrentes sobre o que é o homem e sua relação com Deus.

> No ano da graça de 1654. Segunda-feira, 23 de Novembro, dia de são Clemente, papa e mártir, e de outros no martirológio. Vigília de são Crisógono mártir e de outros.
> De cerca das dez e meia da noite até cerca de meia-noite e meia.
> Fogo!
> "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó" e não dos filósofos e dos sábios. Certeza, certeza, sentimento, alegria, paz. Deus de Jesus Cristo. *Deum meum et Deum vestrum*. "O teu Deus será o meu Deus." Esquecimento do mundo e de tudo, à exceção de Deus. Que só se encontra pelos caminhos mostrados pelo Evangelho. Grandeza da alma humana. "Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci." Alegria, alegria, alegria, prantos de alegria.Mas eu me separara. *Dereliquerunt me fontem aquae vivae*. "Deus meu, me abandonarias?" Que eu nunca mais me separe dele, eternamente. "Esta é a vida eterna: que te reconheçam como o único Deus verdadeiro e aquele que enviaste, Jesus Cristo." Jesus Cristo, Jesus Cristo. Eu me separara: o afastei, reneguei e crucifiquei. Que nunca mais me separe dele. Que só se conserva pelos caminhos mostrados pelo Evangelho. Renúncia total e doce. Completa submissão a Jesus Cristo e ao meu diretor. A alegria eterna por um dia de prova sobre a terra. *Non obliviscar sermones tuo. Amem*. (REALE, 2007, p. 600 - 601).

Segundo Mondin (1981, p. 81), depois de sua conversão documentada de forma comovente neste belíssimo memorial, Pascal avança extraordinariamente numa vida voltada agora para uma profunda espiritualidade. Ainda segundo Mondin

(1981, p. 81), veio à ideia de escrever uma apologia da religião cristã, projeto que não pôde realizar em virtude de sua morte prematura e os fragmentos desta obra foram reunidos num volume intitulado *pensées* (pensamentos). Pascal morreu em Paris, aos 19 de junho de 1662, depois de atrozes sofrimentos, que soube suportar com grande resignação. Suas últimas palavras foram: "Que Deus jamais me abandone!" (REALE, 2007, p. 603).

2.2 Relação entre fé e razão; Pascal e Descartes.

Entre os opositores de Descartes estava Blaise Pascal o competidor mais irredutível tanto na genialidade quanto na multiformidade de seus dons. Pascal era cientista, matemático, apologista e filósofo. Foi contra os racionalistas, principalmente, Descartes. Ele escreveu vários pensamentos em oposição aos racionalistas, sobretudo, ao seu rival Descartes.

Dentre os principais problemas da existência do homem, em se tratando da diferença do mesmo com os animais, o homem possui uma extraordinária capacidade de raciocinar, questionando os problemas de si mesmo. Dentre estes destacamos Pascal, que sendo de um século passado, seu pensamento continua atualizado. Sua capacidade de raciocínio levou, assim, ao conhecimento do mundo que estava muito além do seu tempo e de si mesmo.

O homem, em Pascal, começa a se perguntar quem é ele mesmo diante da fé que o envolve e se percebe pequeno diante de Deus. É nesse momento que o homem racional se depara com suas frustrações; tenta encontrar a felicidade e procura uma fuga desse pensamento e a Fé encontra espaço para preenchê-lo. Em Pascal as lacunas da racionalidade de uma época onde a razão era a senhora e mestra de todas as respostas de um mundo cercado de pensamentos uma coisa é certa: o homem sempre procura sua felicidade em Deus.

Para os racionalistas, a fé já não tinha espaço e, por isso, criticavam Pascal dizendo que só seguiriam a Deus se o mesmo fosse testado e provado. Eis o problema: a fé é algo que ultrapassa os limites racionais daqueles que têm uma experiência de Deus em sua vida? Pascal, no entanto, nos afirma que nem todo homem possui a fé que é concedida pelo criador a poucos. Por isso essa capacidade de descrença em acreditar na existência de Deus é deixada de apostar naquilo que muitas vezes é a única solução encontrada pelos homens.

Para Pascal, a razão não pode determinar a existência de Deus. Por isso essa proposta de uma aposta é justamente porque usa métodos fáceis de demonstrar diante dos racionalistas, uma tentativa de que pudessem abrir-se as mentes de muitos que com sua racionalidade não passavam pela sua consciência viver a fé.

Quando adentramos neste mundo da aposta, encontramos apenas fragmentos do autor. Não podemos deixar de explicar que Pascal não era contra os racionalistas de seu tempo:

> É preciso saber duvidar quando necessário, afirmar quando necessário. Quem assim não faz, não entende a força da razão. Há os que pecam contra esses três princípios, ou afirmando tudo como demonstrativo, por falta de conhecimento em demonstrações; ou duvidando de tudo, por não saberem quando é preciso submeter-se; ou submetendo-se a tudo, por não, por ignorarem quando é preciso julgar (PENSADORES, 1979, p. 106).

Em se tratando de Pascal, não cabe ao homem julgar-se de imediato, ou, dar aqui um salto que vai além de sua compreensão do conhecer a Deus. A aposta da fé não somente entra de cheio na filosofia, mas também se faz presente no campo do cristianismo que não exclui a razão de encontrá-la. Pascal aqui não vai trabalhar a incerteza da humanidade nem de seu conhecimento, mas da incerteza da vida que a fé aponta dentro de uma inquietude humana e suas necessidades de conhecer a Deus, como causa de tão grande alegria.

> Por vezes, a prova é um instrumento da fé que o próprio Deus infunde no coração, mas, de qualquer modo, a fé é diferente da prova. A prova é humana, a fé é um dom de Deus (...) o Deus de Abraão, de Isaac, o Deus de Jacob, o Deus dos cristãos é um Deus de amor e de consolação, é um Deus que enche a alma e o coração dos que ele possui e lhes faz sentir interiormente a miséria de que são a sua misericórdia infinita (ABBAGNANO, 1982, p.140).

O homem vive em uma constante sensibilidade pelas coisas tão pequenas e não enxerga as maiores, parecendo que este encantamento ofusca o brilho de uma experiência extraordinária causada pelo poder diante dos homens que não desejam dar esses passos rumo ao desconhecido e, ao mesmo tempo, exorta-os a procurar a luz da qual tem medo de se aproximar. "Os que têm o desgosto de se ver sem fé,

percebe-se que Deus não os ilumina; mas os outros, ver-se que um Deus os cega" (PENSADORES, 1979, p. 91).

Na razão humana, Descartes aponta todas as vias possíveis do conhecimento. Entretanto, em contraposição, Pascal reconhece seus limites. Fora do racionalismo de Descartes encontra Pascal um mundo humano que podemos chamar de vida moral, social e religiosa de um homem. Além disso, existe o mundo da natureza onde a razão é detentora do poder, encontrando assim um duplo sentido a seus limites. Podemos dizer que o primeiro limite é a experiência, que para Pascal não sustentava, pois os segredos da natureza estão ocultos e mesmo que não estivessem nem sempre se descobrem os seus efeitos, pois ela vai se reestabelecendo de tempos em tempos.

Já o outro limite é o da razão. A ciência dizendo que os princípios que constituem o fundamento do raciocínio foge de todo raciocínio pelo qual não podemos nem refutá-lo nem demonstrá-lo. Pois, é impossibilitada a razão de encontrar ou até mesmo demonstrar essas provas tornando-a debilitada a própria razão. O erro de Descartes, que Pascal não demorou a mostrar, foi a questão da supervalorização da racionalização elevada ao grau das categorias de todas as coisas. Com isso pascal trava disputas acirradas com o pai do racionalismo.

Ele dá um espaço a Deus. Porém não ao Deus dos filósofos, um Deus utilitarista. Deste modo Pascal afirma que Descartes é inútil e incerto e que não vale a pena perder tempo com sua filosofia. Vale ressaltar que para Pascal "o coração está na fonte dos conhecimentos humanos de maior valor, conhecimentos que a razão não pode compreender nem justificar" (MONDIN, 1981. p. 82). A propósito disso, o Papa João Paulo II (2004, p. 5) destacou que "pondo-se a serviço de Cristo, Pascal entendeu por criticar na época a René Descartes que, exagerava na importância que atribuía à Ciência, ao mesmo tempo em que dava pouco espaço para Deus em sua concepção filosófica racionalista". Para Pascal quando a fé e a razão se encontram, acontece aquilo que o Catecismo da Igreja Católica (n. 27) diz: "O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar".

> A vida de Blaise Pascal foi uma confirmação literal dessas palavras que se encontram no Catecismo da Igreja Católica. Em sua vida, ele soube unir amor pela verdade e a busca de Deus, dando testemunho de que é possível conjugar com equilíbrio e profundidade: fé e razão (PASCAL, [s. d])

Neste debate entre a fé e a razão dentro do contexto racionalista, Descartes toma sua posição que, sendo racionalista, isso não o excluiria de demonstrar sua fé de outra forma. Ele tenta demonstrar Deus pela razão, pois dizia que não é somente pela fé que se chega a Deus. Aqui podemos dizer que eles não são contraditórios, pois cada um encontrou formas de se chegar à mesma via que é Deus.

Descartes, neste momento não se preocupa, com a fé porque para se conhecer a Deus não era preciso de uma teologia como estava fazendo Pascal naquele momento, mas alcançava Deus neste mundo pela perfeição das coisas. O conceito de Deus para Descartes possui semelhança com os conceitos tradicionais como a bondade e outros mais.

Esta ideia não é inédita, pois outros como: Agostinho, Anselmo que lhes antecederam já havia falado antes e que aqui ele só estava buscando respostas para aquilo que já existia. Neste navegar por entre os mistérios de Deus, Descarte não se aprofundava porque para ele penetrar neste mistério era algo que ele não poderia alcançar. Estabelece Descartes que há uma verdade a qual não pode de forma alguma ser posta em dúvida, é a de que o homem pensa e consequentemente com esta reflexão é muito fácil se chegar a uma prova concreta da existência de Deus pela perfeição. Mais perfeito existir do que não existir. Logo, Deus existe. A existência de Deus está ligada a sua própria definição. Assim como um triângulo tem três ângulos, assim também Deus existe (RAEPER, 1997, p. 61).

Para Pascal a razão não alcança provas nenhuma de uma demonstração de fé por conta de debilidade e da incerteza desses princípios racionais. Ela, portanto, é limitada porque nela não existem dogmas para se basear seu ponto de vista. Sendo que a experiência racional era um primeiro limite que a razão de Descartes considerava suficiente em si mesma.

Na crítica a Descartes, Pascal não condena de forma total o método racional, mas apena a audácia em dizer que o método como o da geometria poderia ser aplicado em todas as formas e até mesmo no campo da religião.

> O coração está na fonte dos conhecimentos humanos de maior valor, conhecimentos que a razão não pode compreender nem justificar: as verdades da moral, da religião e da filosofia. A razão pertence aos conhecimentos científicos (MONDIN, 1981, p. 82).

Pascal entrava de cheio no debate racionalista do seu tempo que ante as questões de fé e aquilo que era racional. Ele tentava separar essa realidade de que eram os princípios de fé que, portanto, estavam acima da natureza de qualquer razão humana, que era fraca em fazer chegar ao homem as mais sublimes verdades que o Deus onipotente. Revelava ao homem que o procurava, não pela razão neste momento, mas através da fé que perpassa toda a racionalidade contida na existência do homem, que não somente pensa, mas sente, e ambas são frutos de um conhecimento diferente, uma vem de Deus e outra da razão.

> As verdades teológicas e as verdades que obtemos com o raciocínio e a experiência são, portanto, diferentes: *eternas* as primeiras, *progressivas* as segundas; dom de Deus as primeiras, fruto da atividade humana as segundas; encontráveis nos textos sagrados as primeiras, resultados da engenhosidade humana, de provas racionais e de experimentos as segundas (REALE, 2005, p. 175).

Na carta encíclica do papa João Paulo II, *Fides et ratio* de 14 de setembro de 1998,logo no seu início ele diz que "a fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade." (n. 5). De fato pela fé é concedida à razão maior autoridade no seu objetivo de estudo, que é a verdade. A razão por mais que se empenhe para provar determinadas teorias, somente a fé é capaz de lhe conferir consentimento de que não pode conseguir tudo o que deseja.

A fé e a razão aqui para Pascal e Descartes no contexto do racionalismo eram apenas dois caminhos que seguiam o mesmo interesse, onde a razão sacia os desejos do intelecto conduzindo ao conhecimento das leis e a fé nutriu a vida espiritual de um homem sedento de Deus. A fé requer aceitação enquanto que a razão se conforma com as provas e era apresentada como meio eficaz de algo concreto, mas os dois queriam uma única coisa: encontrar a Deus.

Diante desta situação, é chegada à conclusão que não é o bastante somente crer; é preciso também compreender a fé. Mesmo assim não é viável que se use a razão para confiar uma verdade de forma cega e simplesmente imóvel. É preciso

que seja demonstrada por meio da racionalidade as verdades declaradas pela fé. Com isso mostre que é preciso uma logicidade, uma coerência com os princípios essenciais da razão oferecida no século XVII.

> A razão pode, sem dúvida, tomar conhecimento da dualidade que dilacera a vida humana até em suas manifestações mais íntimas, mas não pode fazer nada para superá-la. Somente a fé cristã pode explicar ao homem a origem desta ruptura e dar-lhe a graça de saná-la (MONDIN, 1981, p.82).

Pascal, com isso, se obtém do direito de não querer afirmar que a razão não tenha nenhum valor para ele, pois é necessário que os estudos conduzam os homens para a verdade última do sentido das coisas que é Deus. Por outro lado, Descartes mergulhando nas fontes do saber tomista onde a fé precisa de uma penetração no mundo da racionalidade e ver que a fé apesar das verdades não evidentes é ato da razão cognocente (ZILLES, 1991, p. 31).

Tinha Descartes a certeza de si mesmo e com isso fundamenta a fé dentro de uma filosofia cristianizada. Mas não quis uma reforma no que tratava de religião. Na obra "*Nos princípios*" chega a afirmar. "E que é preciso crer em tudo o que Deus revelou, embora ele esteja acima do alcance do nosso espírito" (ZILLES, 1991, p. 30). Pascal diz que do lado da razão há sempre a fé e que ambas tem suas limitações.

> Os que estão acostumados a julgar pelo sentimento nada compreendem das coisas do raciocínio, pois querem logo chegar a perceber com um golpe de vista e não têm o hábito de procurar os princípios. E outros, pelo contrário, que estão habituados a racionar por princípios, nada compreende das coisas do sentimento, procurando nelas princípios e não podendo vê-las de golpes (ZILLES, apud PENSADORES, 1979, p. 39).

Com isso a argumentação entre a fé e a razão resoa explicando que jamais se pode desviar-se do dilema que ambas debateram: Deus existe ou não existe. Isso entra de cheio na vida e não é um problema puramente de especulação sendo que é necessário agirmos ou como se Deus existisse ou não existisse. Sendo que uma neutralidade é impossível.

É necessário apostar na existência de Deus ou pela razão ou pela fé. Somos obrigados a escolher por ambas as vias essa existência de Deus. Por isso,

escolhamo-nos o meio mais viável sem esquecer que tanto pela racionalidade de Descartes encontramos a Deus quanto pela fé de Pascal, basta só escolhermos. Mas é pela via da aposta de Pascal que tentaremos provar que vale a pena apostar na existência de Deus, ou seja, na eternidade.

3 O QUE É A APOSTA?

3.1 A aposta na visão de Blaise Pascal

Adentramos agora no cerne do pensamento de Blaise Pascal a respeito do que seria a aposta conforme as luzes do seu pensamento. Essa aposta está ligada ao problema da existência de Deus, que é infinitamente incompreensível, posto que, Deus não tem nem partes nem limites. Esse argumento da aposta foi exposto por Pascal principalmente na obra "Os Pensamentos". Diz ele:

> A vossa razão não será ferida escolhendo uma ou outra (Deus existe ou não existe), já que é preciso necessariamente escolher. É ponto pacífico. Mas e a vossa beatitude? Pensemos o ganho e a perda, aceitando que Deus existe. Consideremos estes dois casos: se ganhardes ganhareis tudo, se perderdes, não perdereis nada. Apostai, pois, que Ele existe, sem hesitar (LALANDE, 1999, p. 79).

A aposta pode ser vista de duas óticas diferentes, uma como nos apresenta Russ (2000, p.19), onde a Aposta pascaliana é um "argumento pelo qual Pascal quer convencer o incrédulo". Já para outros autores, a aposta significa a soma ou a coisa que se põe em jogo.

Uma outra ótica seria a apresentada por Ximenes (2001, p. 66), que coloca a aposta como sendo um "ajuste entre pessoas de opiniões divergentes, que obriga o perdedor a pagar ao vencedor uma certa quantia combinada de antemão."

Neste campo da aposta um elemento essencial é o uso da razão que nos garante uma resposta com segurança da negação de Deus ou da afirmação de Deus. Para Pascal, este assunto era necessário, pois, quando apostamos em vista de algo ou alguém, corremos todos os riscos de tal decisão. Neste caso Deus era apostado por métodos que o mostrariam toda a contradição da existência do homem. No entanto, aqui não se cobra do homem um salto radical. A aposta da fé que Pascal apresentava era uma visão e uma mensagem de um cristianismo que apontava a existência de um Deus que responde às exigências da existência humana.

Para o pensador, a razão de algum modo era subordinada à fé, pois em e para Cristo foram reconciliadas todas as coisas e contradições do homem aflito, que se via sem Deus. A presença de Deus nos acontecimentos do ser humano atinge,

agora, sua existência. Pascal não acredita num Deus metafísico, mas busca agora um Deus bíblico que vem ao encontro da humanidade, tendo, assim, a certeza da fé e da existência de Deus na eternidade.

Encontrando com a certeza de um Deus na eternidade tem-se a clareza da fé, e não, da racionalidade, na qual se experimenta tudo, para se chegar a algo puramente material. O homem sente Deus com o coração, e não com a razão. A partir disso, encontra-se a fé para apostar num bem que está para além deste mundo. Surgem, os questionamentos: Deus existe ou não? Para que lado devemos ir?

Segundo Pascal, a razão nada pode determinar a esse respeito, pois, existe uma distância infinita entre nós e Deus. Sim, mas é preciso apostar (ZILLES, 1991, p. 41). Pela fé conhecemos sua existência e pela glória reconhecemos sua natureza.

> A razão não pode determinar: Há um caos infinito que nos separa. Na extremidade dessa distância infinita, joga se cara ou coroa. Em que apostareis? Pela razão, não podeis atingir nem uma nem outra. Não acuseis, pois, de falsidade os que fizeram uma escolha, já que nada sabeis (PENSADORES, 1979, p. 95).

Essa aposta, pode-se observar que não é algo que depende de nossas vontades, porque estamos, automaticamente, mergulhados neste jogo em que arriscamos todas as nossas verdades por um bem maior que é a recompensa na eternidade. Neste caso, compreende-se que devemos respeitar a decisão de muitos que decidem por não acreditar na existência de Deus, mas sempre existirá no homem este sentimento de que sempre estaremos apostando em algo. Diz ele:

> Conhecemos a existência e a natureza do infinito porque somos finitos e extensos como ele. Conhecemos a existência do infinito e ignoramos a sua natureza, porque tem extensão, como nós, mas não limites como nós (PENSADORES, 1979, p. 94).

Pode-se dizer, então, que, enquanto em relação ao infinito há apenas uma incompreensão relacionada à indefinição da natureza de Deus, que é abismo tão profundo; tratando-se da existência de Deus a ideia de infinito é apenas incompreensível, pois, Deus é infinitamente incompreensível. Assim o argumento da aposta está fundamentado na regra das vantagens. Para compreender a racionalidade da aposta, é preciso reconhecer, como foi explorado anteriormente, que ela se dá por meio de uma prova da existência de Deus.

Contudo, na ausência de provas que demonstram a decisão do homem que tende a ser pró ou contra a existência de Deus, se é possível recusar o jogo de vez que embarcamos, e todos aqueles que não apostam na existência de Deus se tornam contra e estão distantes de conhecer maravilhosamente os efeitos de arriscar-se a favor dele.

A aposta nos oferece a infinitude de uma felicidade que o cristianismo nos promete e nos faz rejeitar todas as coisas passageiras e os miseráveis prazeres deste mundo. Os jogadores comuns como vemos arriscam tudo por algo finito e colocam todas as suas certezas para ganhar o bem finito. Para Pascal o apostador não deve ter medo de dar todas as suas fichas, uma vez que está apostando no infinito.

O lucro e a perda tomados pela aposta, dá-nos de certo modo a certeza de que Deus existe. Apreciemos, pois os casos possíveis; se ganhardes, ganhareis tudo; se perderdes, não perdereis nada.

> O argumento é mais complexo, porque Pascal joga com o cálculo da probabilidade, que ele tão bem conhecia como matemático que era. Uma versão mais simples foi exposta, às vezes, da seguinte forma:
> _____ se aposto que Deus existe e existe, ganho tudo;
> _____ se aposto que Deus existe e não existe, não perco nada;
> _____ se aposto que Deus não existe e não existe, não perco nada;
> _____ se aposto que Deus não existe e existe, perco tudo;
> Se aposta para ganhar, não para perder. Se é possível ganhar tudo, vale a pena apostar em Deus (PÉREZ, 1988, p. 168).

Com esses cálculos, Pascal demonstra que é muito mais fácil apostar na existência de Deus. A aposta de Pascal era apenas para nos direcionar a um plano de raciocínio elevado, que não estava simplesmente na razão que nos limita e nos prende as realidades finitas; e, embora existisse somente um argumento e tantos outros contra o jogo da aposta, mesmo assim, vale a pena apostar olhando para a infinitude da vida que felizes gozaremos. Todas as provas da grandeza do homem se tornam grandes na medida em que se reconhece como pequeno diante das coisas.

Aqui não é a razão que dita as regras. A razão é subordinada à fé, reconciliando todas as contradições do homem que passa a jogar com o próprio Deus, dando tudo que tem por um bem infinito e que, se existir, encontrará todas as respostas que tanto procurava já nesta vida.

A fórmula, que Pascal nos dá para jogarmos e apostarmos na existência de Deus, precisa colocar nos corações dos homens que se medite essa possibilidade e que se chegue depois a uma resposta certa; que não há outra coisa nesta vida senão a esperança em outra vida. Quando se encontra esta certeza já nesta vida aproxima se de uma felicidade alcançada por esta confiança da eternidade.

Para aqueles, que permanecem na dúvida, é um dever indispensável procurar a verdade quando se está diante de tantos fatos sobre a eternidade. A aposta de Pascal quer motivar para uma alegria às respostas encontradas na aposta da fé. A eternidade para quem aposta é encontrada não de forma clara e precisa mas nos garante uma certeza: de que existe vida após esta vida que é cheia de fraquezas e incertezas. E de tudo isso, o homem conclui que se ausenta em investigar e em buscar tal resposta por não dar-se ao trabalho de investigar o que deverá acontecer.

> Talvez pudesse encontrar algum esclarecimento para minhas dúvidas; mas não quero dar-me ao trabalho de fazer tal esforço, nem da um passo para procurá-lo. Tratarei com desprezo os que se esgotam nesse cuidado, pois quero, sem previdência e sem receio, tentar esse grande acontecimento, e quero deixar-me conduzir molemente à morte, na incerteza da eternidade de minha futura condição (PENSADORES, 1979, p.86).

Quando Pascal nos apresenta a aposta como método de encontrarmos a Deus na eternidade, tendo já aqui essa certeza no coração do homem, já havia as certezas encontradas na vida como: a certeza da morte que logo viria, da vida que neste murido é criada para sempre no nada. Com isso, a certeza da eternidade que, apesar de ser uma convicção certa, é temida pelo homem, pois, ainda é escura mesmo sabendo que ela existe. A morte é temida pelo homem, pois lembra a corrupção da carne.

A eternidade se torna abismo profundo e insondável à razão do homem. Entretanto, não se deve esquecer que o mesmo homem que teme a eternidade, existe, nele, uma força todo-poderosa que o encanta e o transforma num ser sobrenatural capaz de apostar, acreditando que o resultado será a favor do apostador. Quando dirigimos as nossas ansiedades para Deus, no fundo de nossas fraquezas aspiramos à eternidade e nos damos conta de que é enorme aquilo que é relativo e aquilo que é absoluto. Percebe-se que a única realização da criatura está no abrigo divino, na incerteza de que vivemos e morremos.

Pascal com a aposta queria colocar o homem diante de Deus e lhe apontar que somente o próprio Deus pode completar a sua ausência que se manifesta na escassez de nossa existência.

> Para os partidos, deveis procurar a verdade, pois, se morrerdes sem adorar o verdadeiro princípio, estareis perdido. Mas – dizeis – se ele quisesse que eu o adorasse, teria deixado sinais de sua vontade. Assim fez ele, mas vós os negligenciais. Buscai pois; isso vale a pena (PENSAMENTOS, 2005, p. 68-69).

Não é possível deixar de reconhecer que ao mesmo tempo em que nós somos corpos somos espírito. Chegamos à conclusão que o instrumento, pelo qual a aposta é guiada, é que os costumes fazem as provas e os argumentos serem mais fortes. Neste jogo da aposta, a única conclusão que temos é que o resultado só nos é revelado com a morte. E é verdade que é preciso começar por ela para encontrar a verdade, a fim de apresentar nossas crenças, esse costume nos faz adquirir uma confiança maior.

> Seria preciso jogar (pois que estais na necessidade de jogar) e sereis imprudentes, quando sois obrigados a jogar de não arriscar vossa vida para ganhar três em um jogo em que há igual possibilidade de perder e ganhar (PENSAMENTOS, 2005, p. 160).

O homem deve se submeter a tão grande risco para poder alcançar na aposta aquilo que garante de que se Deus existe na eternidade ganharemos com tal certeza, e se não existe também não perderemos nada.

3.2 A justificativa da aposta em Pascal

A justificativa da aposta, para Pascal, está ligada basicamente na fundamentação da prova da existência de Deus. Se os homens são feitos para Deus, então eles não deviam buscá-lo constantemente para serem felizes. O homem pode muito bem se decidir a compreender, com suas forças, ter encontrado a Deus. A eternidade é encontrada no Deus, que preenche o coração daqueles a quem muito bem souberam apostar em sua existência. Cada um encontra dentro de si, e é esse Deus que o recompensa por acreditar que apostar em tal conhecimento, que só é alcançável, acreditando em Deus e na existência da eternidade.

Uma coisa é certa: o jogo é necessário quer você queira ou não. "Pensamos o ganho e a perda, no caso de apostardes em favor da existência de Deus" (REALE, 2007, p. 623). É inevitável associar essa aposta com aquilo que chamamos de fé, pois, diante das dúvidas, ela brota como resposta de uma pergunta que fazemos.

O que vou ganhar se Deus existir? É aqui que Pascal vai responder que se apostarmos na existência da eternidade, Deus vai diminuindo nossas paixões e cada vez mais vai nos aproximando daquilo que nos afasta dele mesmo. Portanto, é preciso tornar-se disponível para receber a graça, embora esse esforço da procura da eternidade seja uma graça aos olhos de Pascal. Se uma pessoa escolheu ser cristão e ao morrer constata que Deus não exista. A sua fé não foi em vão, visto que não perdeu nada, pois teve uma vida de exímia retidão que a levou a ser ainda melhor do que aqueles que resolveram não acreditar. Mas se há um céu do qual ela tanto confiou, então será vitoriosa, pois, mereceu tal aposta na existência de Deus, do contrário, os descrentes de nada mereceram, pois, ignoraram tudo e não apostaram em tal existência.

O domínio da fé só é encontrado dentro de uma teologia, em que, a aposta é exposta para uma meditação profunda, na qual o que se arrisca corre o risco de ter surpresas favoráveis ou não a tal aposta da fé. Crê-se que Pascal escolheu apostar, porque existia em suas ideias a marca da certeza de que Deus existe e que ele o recompensaria levando outras pessoas a acreditar em sua existência.

Segundo Pascal, a fé que o cristianismo apresenta não pode ser explicada pela razão, sendo que a maioria das vezes a aposta é justificada justamente pela falta de argumentos contra ela mesma, ou seja, quando não encontramos outros argumentos para justificar a aposta; apenas a aceitamos como verdadeira. Dada a problemática da existência de Deus à aposta como justificativa, nos encaminha para a busca das coisas, que julgamos serem boas e que jogamos tudo que temos.

Pascal dentro de seus pensamentos aponta várias saídas para encontrarmos a existência de Deus, como uma inquietude e uma procura inerente ao ser humano. Essa inquietude nos faz reconhecer que somos seres inquietos na procura de Deus. Nesse jogo nós julgamos mais certo que Deus. A aposta é justamente para resolver esses tipos de questionamentos sobre a existência de Deus, é um jogo que o homem faz diante de Deus.

A aposta surge no momento em que o racionalismo se põe contra todas as formas de pensamento que iam contra tudo que racionalmente não era provado pela

razão. Tudo isso surge na dúvida de uma possível existência da eternidade, que é garantida pelo filósofo. Os racionalistas jamais poderiam crer por não ser uma coisa que a razão explicava. Na verdade, é tão sublime, para o nosso objeto de estudo ter como afirmação da existência de Deus, homens tão desatinados, pois suas objeções são tão pouca correspondida, que servem ao contrário para confirmar e estabelecer esses princípios verdadeiros da aposta apresentados para os seus como resposta a tão grande dúvida.

Pascal nos afirma que ao sair deste mundo, saberá apenas de uma coisa que cairia nas mãos de um Deus irado, ou no nada de não acreditar em Deus e na sua existência. Isso é de grande valia para compreender seus pensamentos. "Segundo os racionalistas na aposta de Pascal não devemos apostar nem em uma nem em outra alternativa porque segundo eles nenhuma das alternativas podem ser excluídas."(MONDIN, 1981, p. 83). Nesta justificativa, devemos admitir que Deus existe, pois, é a melhor solução já que não perderemos nada em ambas as partes.

> Mesmo que se admitissem infinitas possibilidades negativas contra uma só favorável, ainda seria melhor apostar na existência de Deus, porque se tem pela frente uma eternidade de vida e de felicidade. (MONDIN, 1981, p. 83).

Aqui já é uma justificativa de que Blaise Pascal estava certo: que a existência de Deus era algo que todas as pessoas deveriam arriscar em acreditar na eternidade. Somos finitos e devemos arriscar na infinitude da existência de Deus, como prêmio da aposta que remata o jogo quando se trata da eternidade e, consequentemente, do que é eterno para os homens, Deus.

Ao observar a aposta de Pascal, percebe-se que está voltada não para um deus qualquer, mas está direcionada para o Deus da Bíblia, no qual ele acreditava. Deus é capaz de cumulá-lo de bens incomensuráveis e não apostar nele é perder muito mais do que milhões de algo finito, é perder uma infinitude de coisas eternas, doadas por este Deus que não está distante dos homens, mas que se importa com suas decisões acertadas ou não.

Em suma, quando acreditamos em outros deuses atestamos sua ignorância já que eles têm objeções de tantas coisas que o homem possui. Confirmando, assim, que a aposta de Pascal é necessariamente no Deus da Bíblia que se importa com os

homens tanto no plano do finito como no infinito já que ele garante essa existência da e na eternidade.

A partir da aposta de Pascal chegamos a um fim de que Deus existe. Então nós devemos dizer que somos cristãos e confiamos também no Deus infinito que vive e nos dá a oportunidade de participarmos desta infinitude da eternidade, na qual nós colocamos todas as nossas formas de decisões possíveis e inabaláveis encontradas na fé que nos conduz a Deus.

Não devemos esquecer que Pascal era mestre nos cálculos das probabilidades e como num calculo temos que pensar em todas as possibilidades e aqui podemos partir não mais para a busca da verdade talvez, mais das vantagens, por isso temos que escolher possibilidades mais vantajosas para nossa existência.

Quando decidimos não apostar, já estamos automaticamente apostando. E negar essa aposta é está se excluindo a si mesmo das expectativas de uma eternidade privilegiada, pois, a nossa fé vem pela força do habito de buscarmos sempre e em continua repetição.

Somente neste instante é que compreendemos o significado da aposta de Pascal, porque nesta justificativa da aposta há sempre a condição humana, onde estamos apostando em algo, ou em determinados princípios, princípios este que a aposta encaminha sempre para uma verdade absoluta essa argumentação não esta apenas no que nós chamamos de a busca de Deus, porque sempre estamos apostando nas coisas.

Na justificativa da aposta com certeza não conseguiremos dizer quem é Deus pela razão, mais pela fé é que podemos dizer que Ele existe.com isso para Pascal é preciso arriscar para provar um fato pelo qual gerou toda a incerteza no homem; a existência de Deus que é uma decisão a ser tomada a fim de provocar que uma coisa é falsa ou então verdadeira são duas alternativas que este Pascal nos dá, que não conhecemos pela razão a existência de Deus e sim pela fé.

Pascal mostrou também, e muito bem enfatizado, que a razão do ser humano, e de modo particular, dos filósofos racionalistas, tem seus limites e que diante da razão do coração ela é uma pobre miserável. Tomem consciência de suas limitações e se volte para Deus enquanto é tempo.

Portanto Pascal em sua apologia à existência de Deus nos apresenta aposta que até hoje os homens discutem tal problemática que pascal no século XVII já levantava sobre a existência de Deus e como de que modo alcançar tal existência.

Os contemporâneos irão demonstrar de agora em diante como essa aposta é vista na atualidade. Pascal mostra no seu tempo, agora vamos ver sua validade hoje.

4 PASCAL NA CONTEMPORANEIDADE

4.1 Influência do autor hoje e a validade da aposta

Em se tratando da influência de pascal hoje poderia se esperar que ele seja um grande defensor da aposta como caminho do coração mais perfeito, para, as questões relacionadas às verdades da existência ou não existência de Deus marcada de forma visível no pensamento racionalista. Entretanto, isso não nos impede de dizer que há limites racionais que nos deixam desnorteados nas decisões referentes ao método posto por Pascal sobre a aposta da fé.

Se formos ver na visão de Pascal, o homem sempre está de certa forma apostando nas coisas, nas quais todas as atitudes humanas estão contidas, levando-o a apostar em suas convicções. Devemos também deixar em evidencia que se tratando da aposta não estamos aqui amparados pelo abrigo das certezas absolutas, mas são métodos que dentro da contemporaneidade vamos encontrando como se fosse uma necessidade natural de se procurar de uma forma ou de outra a existência de Deus. E aqui surge a necessidade de se ter um hábito de procura.

> Se não se devesse fazer nada a não ser pelo certo, não se deveria fazer nada pela religião, pois ela não é certa. Mas quanta coisa se faz pelo incerto, as viagens por mar, as batalhas. Digo, pois que não se deveria fazer absolutamente nada, pois nada é certo (PENSAMENTOS, 2005, p. 254).

A aposta aqui é colocada como apenas um passo, que deve ser logicamente humano, mas que nos conduza a uma "reserva" de nossa condição existencial de humanos que somos. Com isso, é somente a partir do momento em que apostamos na existência de Deus é que encontramos as respostas para aquilo que chamamos de corrupção de natureza do homem.

Deste modo, tudo aquilo que nos encaminha para a direção das verdades contidas na própria natureza humana como verdades, não são absolutas, mas somente uma procura que não encontramos em nossa natureza corrompida pelas ilusões apresentadas pelos anseios da aposta, como único sentido capaz de tornar inteligível as nossas dúvidas e contradições.

> O homem não sabe em que posição se colocar, está visivelmente extraviado e decaído de seu verdadeiro lugar sem poder reencontrá-lo. Busca por toda parte com inquietação e sem sucesso em meio as trevas impenetráveis (PENSAMENTOS, 2005, p. 154).

De certo modo, o pensamento de Pascal possui hodiernamente um peso, pois como nunca se viu uma crise da fé como se ver nos nossos dias. A ciência acaba impondo sua vontade deixando em dúvidas o coração do homem quanto a existência de Deus. Neste caso, Pascal diz que o homem não é fruto da ciência nem da filosofia.

O interessante neste debate, que tem como tema a Aposta, é que Pascal não quer confirmar nenhuma incerteza para si, com relação à existência de Deus, mas ele entra nesse jogo de aposta, a fim de mostrar aos incrédulos que Deus existe. Este Pascal dotado de inteligência extraordinária que pela razão antes era baseada sua filosofia, agora acrescenta um elemento importante em sua vida; O sentimento. Que passa a guiar sua vida tornando-se um homem desobstinado ao sentimento do coração onde a razão não é a mais a senhora da verdade, e sim a fé.

O homem hodierno, apesar de todas as situações que lhes são apresentadas, sempre busca mesmo nas fragilidades de suas misérias uma felicidade. Ele sempre aposta todas as suas fichas na felicidade, quer seja na existência terrena, quer seja na eternidade, ele deverá alcançar essa plenitude do buscar com persistência.

> Não obstantes essas misérias, ele quer ser feliz e nada mais quer do que ser feliz, e não pode não querer sê-lo. Mas que fará para isso? Seria preciso, para conseguir, que se tornasse imortal, mas, não podendo, resolve evitar pensar nisso (PESAMENTOS, 2005, p. 50).

Deixar-se de pensar na possibilidade de encontrar a felicidade na eternidade passa pelo homem hoje como escuridão, que faz com que o homem não enxergue o território onde pisa tornando-se incerta esta possibilidade da vida eterna. Existe dentro do ser humano uma inquietude que impede a uma interrogação ao fazermos a diferença até mesmo entre um soldado e um monge, com relação à obediência; é o ser compassivo incompleto, que depende do outro para se completar.

É o homem em busca de sua felicidade, que está sozinho. Ele não é capaz e precisa de alguém para lhe ajudar. A sua felicidade plena está condicionada não a si próprio, como os racionalistas diziam, mas a Deus. Um ser humano sem Deus é um ser incompleto.

É nessa compreensão do mundo que o ser humano está mergulhado. Pode-se dizer que o argumento de Pascal é discutido até hoje porque foi o precursor no campo da teoria das probabilidades, cuja aposta da fé não passa de um simples cálculo da matemática, pois, como um bom matemático ele se utilizava dela para formular seus argumentos sobre a possível existência de Deus.

A aposta de Pascal é utilizada a nosso favor contra todas as pessoas que se dizem ateias; e, por conseguinte, não acreditam na eternidade. Na contemporaneidade a vida está cercada de argumentos que estão afastando do coração humano o sentimento de uma busca constante de Deus, pois, se não experimentamos pela ciência e pela razão a fé, logo esta última se torna descartável e esquecida e, neste momento o homem se ver tomado por uma angústia tão devastadora, que ele acaba se esquecendo de que se deve acreditar para poder ser, e não pensar para ser, como era para os cartesianos.

Pode-se observar que faz parte da natureza humana crer que já possui as verdades por completas e com isso acaba negando tudo que é incompreensível ao experimento da racionalidade, principalmente, nos dias atuais. O homem sempre buscará a Deus, pois foi o próprio Deus quem o criou e sem ele o homem não chegará a felicidade completa que é a meta almejada pelo homem de ontem e de hoje.

Toda essa problemática de que estamos tratando na aposta de Pascal, desde o seu tempo, está relacionada à Fé e, consequentemente, à religião e aos seus mistérios. Para os dias atuais apostar na fé está sendo uma resposta para as questões mais fundamentais da vida humana, a saber: a vida e a morte, o sentido da existência e a problemática da vida moral da sociedade.

É na atualidade que procuramos fazer uma trilha que seja profundamente ciosa do valor de verdade que já no século XVII, Pascal refletia essa essência da aposta como a via de encontrar a Deus.

> Essa é a nossa condição natural, que, no entanto, é a mais contrária à nossa inclinação: desejamos ardentemente encontrar um alicerce e uma base última para edificar uma torre que se erga até o infinito, mas nossos fundamentos se dissolvem e a terra se abre em abismos (REALE, 2007, p. 615).

A identidade da pessoa, do presente e do passado, está ligada à fé, pois o homem sempre foi religioso por natureza e já buscava o sobrenatural que a razão não podia explicar. E buscava no divino as respostas para o mundo e acabava divinizando a si próprio, esquecendo-se de arriscar na busca da eternidade.

Pascal não queria colocar em conflito as outras crenças, principalmente, aquelas que acreditavam em outros deuses, mas a aposta estava ligada àquilo que ele mesmo vivia e buscava; não era, no entanto, os deuses da antiguidade e nem o Deus dos filósofos, mas o Deus dos cristãos, o Deus da bíblia, o Jesus do evangelho que muitas vezes buscou. Esse era o sistema de uma época onde o cristianismo reinava como senhor da fé única e verdadeira.

Vê-se atualmente que é comum conferir às pessoas o desejo de desafiar a autoridade da fé, coisa, que no século XVII, não era aceita tal contestação. Na sociedade de hoje esse método da aposta em muitos casos torna-se mais aceito porque é voltado para fé, principalmente ao cristianismo, e que nos nossos dias de certo modo possui credibilidade. O alcance da aposta está em fazer o descrente, mediante um reconhecimento de vantagens, querer desejar algo diferente daquilo que ele deseja, ou seja, em querer alterar sua aspiração pela eternidade.

4.2 A aposta no período hodierno

No mundo contemporâneo, é necessário escutar para poder compreender os conflitos e conviver com os outros frente aos grandes problemas da sociedade. Essa sociedade aposta infelizmente, em muitos casos, em posições em que esses conflitos contribuem com as posições que agradam a uns e a outros não.

A aposta de Pascal pode ser vista dentro da sociedade contemporânea, como uma sociedade pluralizada, como um eco que ressoa dentro do pensamento do homem em busca da resposta que não é encontrada fora da não existência de Deus.

A escuta é também resposta na busca dessa aposta que já na era das grandes razões e intelectualidades já se dificultava essa transparência da

necessidade de uma procura no algo a mais. Esse algo a mais, nesse caso, seria Deus, tido como resposta às conturbações impostas pela sociedade que não escuta ao infinito que vem ao encontro do infinito e limitado que é o homem de hoje atordoado pela incerteza do transcendente.

O homem de hoje não encontra a Deus, não porque Deus esteja distante desse homem, mas são fatores externos que acabam atrapalhando esse encontro e essa certeza do algo a mais no além da existência.

> Logo eu abandonaria os prazeres, dizem eles, se tivesse a fé. E eu, digo-vos: teríeis logo a fé se tivésseis abandonado os prazeres. Ora, a vós cabe começar. Se eu pudesse, vos daria a fé. Não o posso fazer nem, por isso mesmo, por a prova o que dizeis, mas vós bem podeis abandonar os prazeres e pôr à prova a verdade do que vos digo (PENSAMENTOS, 2005, p. 321 - 322).

A aposta é sugerida, nos dias de hoje, dentro de uma investigação como uma atração da vontade e da razão sem ter em vista o caminho para o qual se dirige. Com isso ela torna-se bem condizentes com o próprio curso da vida humana, tornando a pessoa esse ser consciente da fatalidade de seu fim e da incerteza quanto ao que se seguirá a este fim. Portanto, vida ou morte eterna não pode ser consciência vive apenas de acordo com o que sua razão dá por seguro.

> Imagine-se certo número de homens em grilhões, todos condenados à morte, sendo que alguns são degolados a cada dia na presença dos outros; aqueles que ficam vêem a sua própria condição na dos semelhantes e, olhando-se uns e outros na dor e sem esperança, esperam a sua vez. Essa é a imagem da condição dos homens (PENSAMENTOS, 2005, p. 176).

Nos dias atuais essa aposta é colocada em evidência e executada em atividades diversas culturalmente existentes no nosso tempo. Também procuram respostas, que alcance os questionamentos da sociedade que busca no ser infinito e eterno, torna-se então imortal e feliz.

O divertimento também faz parte da procura do homem e da aposta nos dias de hoje pelo desconhecido, elevando o homem ao estado de graça acima de toda a natureza e procura uma semelhança com Deus. Somos apostadores de todas as

formas possíveis não só na procura de Deus, mas também de outras coisas como a própria saúde, educação, moradia e de outras mais.

Não encontrando todas as respostas acaba se isolando em suas misérias e diversão.

> A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão. E, no entanto é a maior de nossas misérias. Por que é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém nos faz chegar insensivelmente à morte (PENSAMENTOS, 2005, p. 157).

A única solução é apostar que na morte encontraremos a existência de Deus como em todo resto das ações humanas, em que a relação entre vontade e razão será sempre de senhora e serva no que compete, conhece a própria existência de Deus. E na busca incessante de encontrá-lo nos barulhos ameaçadores do não acreditar na vida em Deus após a morte.

Inúmeros são aqueles que se dizem ateus atualmente, justamente por não conseguirem relacionar a sua liberdade com a vontade do criador que nos deixa livres para escolher até se queremos acreditar na existência da felicidade eterna, tudo isso faz parte do jogo da aposta e do ter a certeza da vitória já no arriscar-se desta vida e não somente na espera última, como se fôssemos imprudentes em não acreditar de antemão, que tudo isso que vivemos já é uma garantia da eternidade feliz, só aqueles que acreditaram irão receber de forma alegre essa recompensa. Tudo isso é um jogo, portanto, não devemos ficar sem fazer nada enquanto nos é oferecido a eternidade.

Apostamos em tudo, menos em Deus e em sua existência, diferentemente, da aposta apresentada por pascal que diante da razão não encontrava bases confiáveis na procura da eternidade, isto é, no além-vida terrena. Hoje a razão predomina na maioria das pessoas que jogam tudo na existência de Deus, com isso não se torna perda de tempo diante das ciências que querer encontrar resposta para tudo ou quase tudo. Aquilo que Pascal nos proporcionou no século XVII já não tem tanto sentido.

> Somos incapazes de não desejar a verdade e felicidade e somos incapazes de certeza e de felicidade. Esse desejo nos é deixado tanto para nos punir como para fazer-nos sentir de onde caímos (PENSAMENTOS, 2005, p.154).

A única opção que nos resta é preparar o nosso pensamento e nos colocarmos em disposição para o jogo da aposta pensando na existência da eternidade com Deus, ou se conformar com a ausência da eternidade; e ver que todos aqueles que não arriscam desmoronam-se na presença do Deus eterno. Pois o homem é um grande procurador das afirmações dadas por Pascal sobre a existência de Deus na eternidade.

O jogo da aposta está voltado para a fé e a religião e percebemos que a grande procura, hoje, é de resposta para esta área que a razão negou ou ainda nega. Trata-se, então de toda esperança e desesperança, dada essência de nosso desejo e como causa vem o valor do que determina a existência de Deus, isto é, aquilo de que se discute na aposta pascalina.

A aposta de Pascal muitas vezes não tem validade por que ela nos obriga a ser honestos e virtuosos e nos faz abandonar os prazeres mundanos e nocivos a nossa vida. A existência e a natureza de Deus é sempre um ato de fé que o homem busca praticar. La acaba se acostumando e crendo nela. Para a grande maioria, o que está em causa hoje é a salvação eterna, e ao mesmo tempo um mundo futuro melhor do que o mundo atual.

O que acontece é que a aposta de nosso tempo é muito diferente da aposta de Pascal e bem mais complicada. Porque para o mundo da razão quem joga é o individuo racional, já no nosso tempo quem aposta nas vantagens oferecidas na eternidade são as classes ou grupos excluídos, discriminados, em suma, oprimidos. Porque a possibilidade de um mundo melhor ocorre, somente para aqueles que desejam glórias e tem razões para rejeitar as glórias da eternidade.

Para o nosso tempo os opressores com essa proposta do jogar na eternidade acabam tendo como experiência o mundo em que vive como o melhor possível. É por isso que para eles esse jogo de aposta não vale a pena, mundo oferece tudo que lhe é necessário.

Para o século XVII a existência de Deus era um problema pois, as pessoas não queriam apostar em Deus e na profissão de tal existência. Já no nosso tempo

a possibilidade ou não de uma eternidade melhor depende somente da sua aposta e das ações que resultarem delas.

Tendo em vista, que tudo hoje ainda que no seu íntimo anseia pela busca de Deus, sendo das classes oprimidas ou não, pois, não consegue viver sem esta procura, mesmo que seja na oculta profundeza da sua vida. Pois, o homem foi feito para Deus.

> O ser humano enquanto ser contingente tem fome de absoluto, enquanto finito faz do infinito a condição de possibilidade do existente e enquanto mortal aspira à imortalidade. Por isso, podemos falar do homem enquanto ser religioso, da mesma forma que como ser metafísico e científico (ESTRADA, 2007, p. 36).

Tudo isso é um escândalo para o pensamento de hoje, sendo que nesta visão secularista essa existência de Deus tem permissão para operar somente no pensamento e nas ideias, mas não na matéria que é este mundo tornado antiteista. Que insiste em dizer que a religião, principal propagadora da existência de uma eternidade prometida por Deus é apenas uma droga, e que não serve para nada.

> O ser humano, por um lado, está situado num mundo finito, contingente e imanente, e por outro se propõe questões transcendentes que ultrapassam os limites do conhecimento empírico e o levam a extrapolações religiosas (ESTRADA, 2007, p. 37).

A aposta hoje deve ser vista com benefício no aqui e no agora da pessoa humana oprimida e excluída do sistema social do ter somente para si e nada para o outro. É por isso que Pascal traz esta problemática da existência de Deus voltada principalmente para o cristianismo que ainda hoje luta pelo mais fraco e excluído da roda social dizendo lhe que isso é passageiro e que só na eternidade teremos ganhado todas as recompensas de termos acreditado em tal afirmação.

O pensamento de nossa época caracteriza-se por uma tendência substancialmente diferente. Portanto, deve resultar daí, que seja preservada a ideia de existência de Deus na eternidade, como verdadeiro anseio do coração humano e de certo modo que esta ideia seja também realizada no coração do mesmo.

Se o homem não consegue tal êxito é porque não deseja saber dessa relação que há entre Deus e o homem. No entanto, buscar a eternidade naquilo que nos

acontece é a resposta que damos a intenção manifestada com suficiente clareza do eterno.

É necessária a autêntica decisão de caminhar neste jogo de questionamentos apontados por Pascal e colocado em questionamento pela força das contradições assoladoras da mente humana que não experimenta o divino e questiona a validade do mesmo.

O homem que não consegue encontrar-se, não pensa mais numa presença do transcendente, deixando de lado a nítida distinção da procura da eternidade de Deus. Traços importantes quando consideramos aqueles tempos pascalianos como primeiros passos da aposta da existência de Deus pós-morte ao homem que joga tudo e por tudo em que acredita.

Por isso, na atualidade toda manifestação religiosa seja de qual for a denominação cristã é autêntica porque possui um caráter significativo, exatamente porque um crente suporta as dificuldades da vida concreta por mais terrível e incompreensível que seja participando e se envolvendo com o que acredita, ou seja na aposta de Deus.

Não existe saída para o homem enquanto não surgir uma nova consciência que o desperte, com forças absolutas que o faz perceber que não precisa fugir do inevitável. Talvez não exista outro caminho a ser trilhado para despertar novamente aquela força do querer encontrar-se com Deus na eternidade, e que essa aposta jamais se torne ultrapassada. Hoje ela só é vista de forma diferente e com uma nova mentalidade. Apostar é a única saída, portanto, disponhamos nós por buscar tal existência. Que Deus jamais nos abandone por tal escolha.

5 Conclusão

Pois bem, o jogo discutido, por Pascal, tinha a finalidade de mostrar e comprovar a existência de Deus para os filósofos. O interessante neste debate, que tem como tema a Aposta, ele aqui não quer provar nenhuma incerteza para si, com relação a existência de Deus, mas quer entrar nesse jogo de apostar, a fim de mostrar aos incrédulos que Deus existe. Deixando de lado um Pascal, que não conheceremos pela razão, mas sim pela fé.

O que era de fato a aposta para Pascal? Essa era a pergunta que estávamos buscando que, para ele, aposta é uma determinação a ser tomada a fim de confirmar que uma coisa é falsa ou verdadeira. É uma opção a ser tomada entre duas ou mais escolhas apresentadas. É lógico, que só podemos afirmar que a aposta, só é aposta, quando se tem uma incerteza de alguma coisa, que esta, para ser buscada pelo homem arriscando-se com uma possibilidade de ganhar ou perder. Para Pascal o importante é arriscar-se para comprovar de fato, aquilo que gerou a incerteza.

Deve se ressaltar que este debate sobre o tema aposta, está ligado á fé religiosa. É a comprovação da existência de Deus, que ele quer nos mostrar e que esta, pela nossa razão, não conseguiremos dizer quem Ele é, mas pela fé, podemos dizer que ele existe.

Se debruçar sobre O Pensamento de Pascal principalmente neste tema, é mostrar para os leitores como também e, principalmente, aos filósofos racionalistas que Deus existe verdadeiramente e, este ele provou não com a razão, mas pela fé. Significa dizer que pela razão podemos até chegar a conhecer a Deus, mas só pela fé e que temos garantia dessa existência sendo assim a razão fraca diante de tal problema que tem seus limites e esta própria desconhece. A razão do ser humano, e de modo particular, dos filósofos, tem seus limites e que diante da fé nos curvamos na ansiedade por Deus.

Pascal jogou duro com Descartes afirmando a impotência da razão, não a excluía, mas deixou claro, que os cartesianos ao tentar provar a não existência de Deus, encontra em si próprio provas de sua própria fraqueza diante dos mistérios de Deus. Pois segundo Pascal não se conhece a Deus pela razão, só o conhece através do sentimento, Ou seja, através da fé.

Deste modo a aposta de Blaise Pascal denota profundidade em todos os fundamentos do poder da busca humana pela fé na consciência intensa de que tudo o que o homem faz é no objetivo de vir a saber acerca de si mesmo e de Deus. A aposta, portanto, ontem, hoje é essa busca e essa procura de resposta sobre a existência de Deus e que o encontrando seremos vitoriosos e portadores de tão grande recompensa que é a eternidade.

REFERÊNCIAS:

Blaise Pascal: **Quando Fé e Razão se encontram!** [s.d]. Disponível em:< http://www.comshalom.org/formacao/santos/blaise.html >. acesso em: 23 de agosto de 2013.

CATECISMO da Igreja Católica. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, 1993.

ESTRADA, Juan Antonio. **Imagens de Deus:** a filosofia ante a linguagem religiosa. São Paulo: Paulinas, 2007.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes,1999.

MONDIN, Batista, **Curso de filosofia:** Os filósofos do Ocidente. 6. ed. São Paulo: Paulus,v.II, 1981.

ABBAGNANO, Nicola, **Historia da filosofia.** v. 6. 3. ed. Lisboa: Editorial PRESENÇA,1982.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, Blaise. **Pensamentos.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979.

JOÃO PAULO II, **Carta Encíclica *Fides et Ratio***: Sobre as relações entre fé e razão. 7. Ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p.5.

PEREZ, Rafael Gomes. **História Básica da filosofia.** São Paulo: Nerman, 1988.

REALE, Giovanni. **História da filosofia**. 8. ed. São Paulo: Paulus, v. I, 2007.

_____, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: de Spinoza a Kant. São Paulo: Paulus, v. IV, 2005.

REAPER, William. **Introdução ao estudo das idéias**: Religião e filosofia no passado e no presente.Loyola: São Paulo, Brasil,1997.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia.** Lisboa: Plátano Editora, 2000.

XIMENES, Sérgio. **Dicionário de língua portuguesa**. 3. ed. ver. e. ampl. São Paulo: Ediouro, 2001.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião.** São Paulo: Paulus, 1991.